

Confusões e Inquietações

Tem dias que só o silêncio me entende.
Dias que olhar para o nada me dá respostas,
que já espero há muito tempo.
Tempos que embalam o fervilhar de
pensamentos, confusões mentais, diálogos
estranhos e ficcionais.
Ficção que alimenta o dia, o caminhar, o
existir, o respirar e apenas o acordar.

Em tempos assim, me calo, me observo, me
olho canto por canto, veia por veia, andar por andar.
Para quem sabe, enfim, achar o que tanto procuro
[em mim.
Talvez em um olhar mais carinhoso, um sorriso
largo e espontâneo, o vislumbrar de momentos
[eternos e inesquecíveis.

Tem dia que todas as minhas questões já não
fazem tanto sentido, já não tem tanto por que.
Essas inquietações viram bolhas no ar, vento,
[sopro, vago, raso e espesso.
Tem dia que tudo o que me cerca é vazio, sem sentido.
Às vezes o próprio saber e o questionar das
coisas, fatos e vivências já não fazem tanto sentido.
Chegando ao ponto de me perguntar: Para que
saber disso? Por que saber (d)isso?

Tem dias que o saber que me liberta é o mesmo
que me sufoca, me impõe regras, me oprime,
me obriga e me cerca.
É o mesmo que me liberta dos abafamentos
cotidianos, das palavras não ditas, dos olhares

vazios, dos diálogos apaziguados.
Liberta para seguir, rumar no caminho que
quero. Sem amarras, para amar-me.
O caminho do ir, compreendendo o valor de
cada pisada, pegada, palavra.

Tem dias que compreendo que a ignorância já
não deve ser algo que me bloqueia, me cega, me
[aprisiona.
Para meus ancestrais a ignorância foi presente,
mas, por respeito a elas e eles me nego a ignorar.
Ignorar meus sentimentos, os julgamentos em
minha direção, os olhares perfuradores.
Me nego, eu nego, eu negra.

Que fique claro, bem claro que não é o silêncio,
a ignorância e os dias que me farão calar-me.
Me nego, eu nego, eu negra.

Livre (mente) Assim

Gosto de me sentir assim,
Livre. Primavera por aí,
Solta. Tonta. Dona de mim.

Ventos nos cabelos. Soltos. Meios presos,
Presos por quê? Se me permitir ser livre assim.
Andar por aí. Um barulho aqui e outro ali.
Ora visível, ora invisível.
Inacreditavelmente solta em um lugar, em
qualquer lugar.

Perdida em um turbilhão de ideias, pontos
cardeais, conversas banais, esquinas tortas, becos largos.
É preciso respirar.
Nessa imensidão de céu azul, vento forte, mar
azul em meio à chuva torpe.

Tudo tem seu revés e seu contraditório.
Sol e chuva. Som e silêncio. Choro e sorriso.
Seco e molhado. Certo e errado.
Apenas revés.

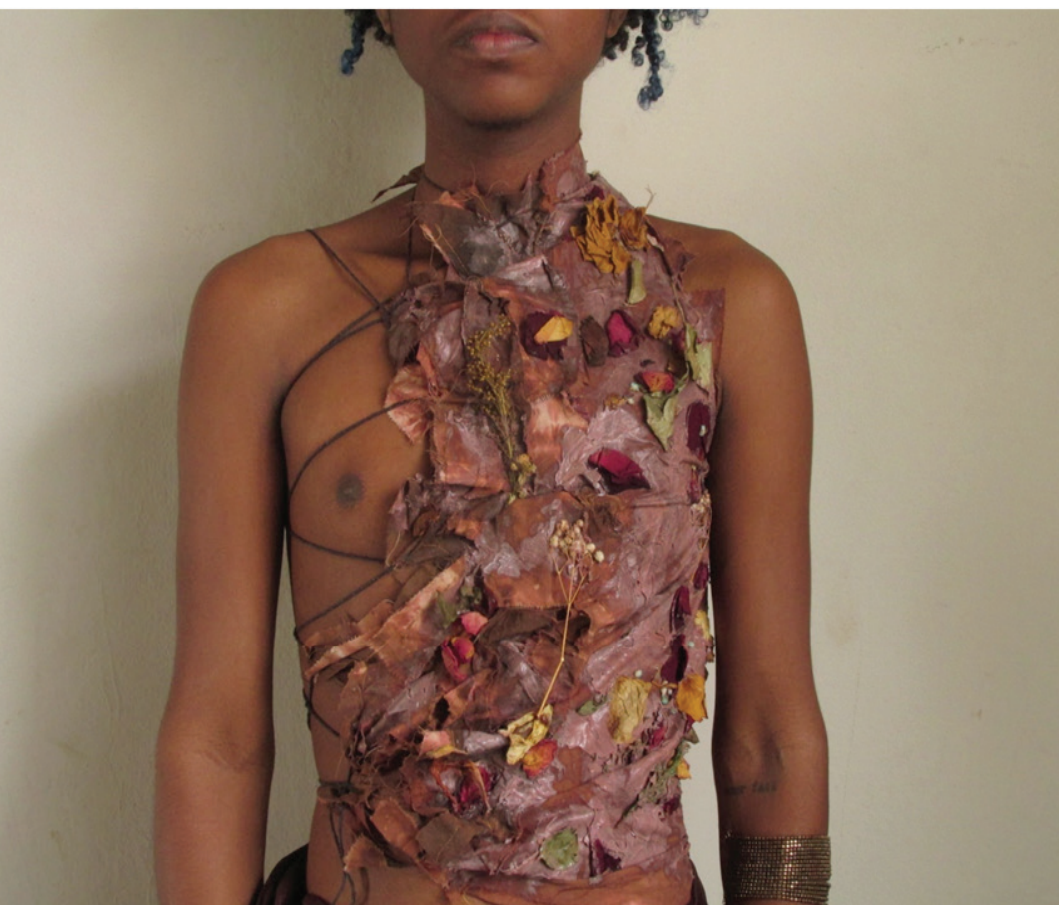
A blue square frame containing a stylized sun with radiating lines on the left and a stylized eye with a central pupil on the right. The background is a repeating pattern of stylized leaves in shades of yellow and green.

castiel
vitorino





Tenho 20 anos, sou costureira,
artesanã e artista visual autodidata.
Sou preta, trans-feminina, poeta e
estudante de psicologia.



resquícios de um corpo-flor\ 2017 \ algodão cru, flores naturais, silicone e tinta

Resquícios de um corpo-flor, 2017

Eu tenho um corpo de um futuro utópico, e de um passado ainda intacto. Um corpo onde as temporalidades misturam-se, se diluem e materializam-se em outra concepção de presente. Meu corpo é contemporâneo, pós e pré. Eu sou uma espécie extinta, em desenvolvimento.

Habito uma raça que nunca existiu. Transito em gêneros que já foram superados. Minha pele é preta e fértil. Nela brotam flores nunca catalogadas. Todos os meus órgãos provocam-se orgasmos. Pratico comportamentos contrassexuais.

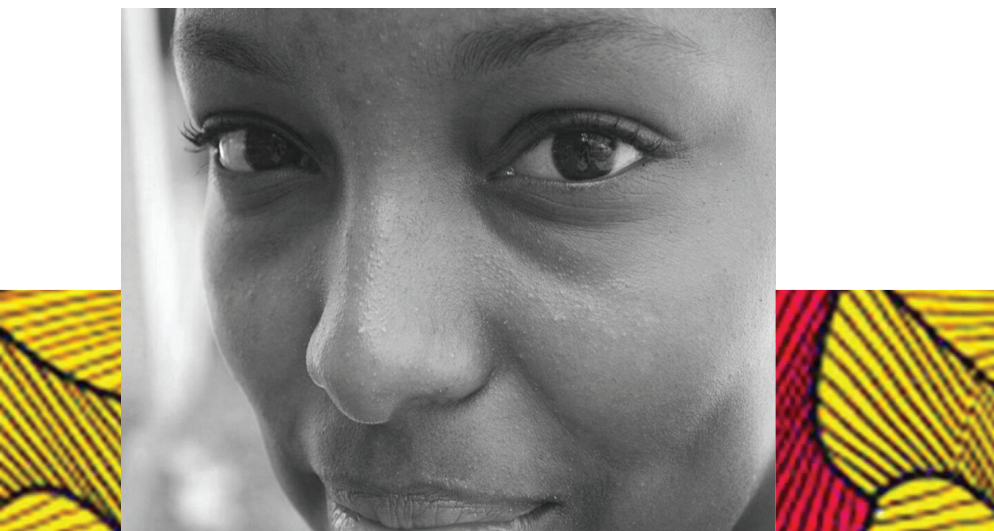
Eu tenho um corpo impossível. Um corpo selvagem, feito de sangue, néctar e pólen. Um corpo civilizado, consequência de falhas tentativas de melhoramento genético. Um corpo singular, que foge da máquina que produz subjetividades panópticas, mas que volta para habitar fissuras que ele mesmo abre nessas realidades imperfeitas



resquícios de um corpo-flor\ 2017 \ algodão cru, flores naturais,



silicone e tinta



Eu, Mariana, tenho 20 anos, estudo Artes Visuais na UFES, faço parte do Coletivo Negrada. Estou na militância há dois anos. Além disso sou colunista dos blogs “Uma Preta Capixaba” e “Meninas Black Power”.



mariana
silva souza

Um Dia Especial

Luiza acabara de sair do quarto, usava uma camisa rosa de pijama e um short branco apertado. Sua pele cor de café contrastava com o travesseiro branco que segurava, enquanto seus cachos tipo 3A transitavam sobre seus ombros. Nem parecia que havia acabado de acordar, Luiza estava linda e radiante como se estivesse saindo de um ensaio fotográfico. Após tomar café da manhã com sua mãe, a jovem foi tomar banho, pois iria ao salão cortar o cabelo tirando toda a parte alisada. Assumiria seu cabelo crespo 4c. Enquanto se arrumava pensava “espero que a roupa escolhida por mim fique bem em uma garota de cabelos curtos”, “mais alguém no mundo irá me achar bonita?”, “a aprovação alheia não importa, eu estarei feliz comigo mesma, é o importante”. A jovem acompanhada da mãe foi para o salão. O clima estava fresco, o tempo firme. Uma senhora muito amável as atendeu. Luiza sentou-se na cadeira e a moça foi cortando. Cada mecha alisada caída ao chão significava o aumento da sensação de alívio que saciava o seu coração. Quando finalmente Luiza olhou-se no espelho com seu cabelo curtinho ela se sentiu a mulher mais bonita do mundo, a sensação foi indescritível. O sorriso em sua face era constante. Ela estava linda, como também consciente “de hoje em diante enfrentarei o racismo como nunca antes, será difícil, mas não impossível”. Luiza estava aprendendo a amar a si mesma para assim amar às outras mulheres pretas, afinal se ela e as irmãs tinham muito em comum, sem amar a si mesma não conseguiria amar as outras. Luiza ao permanecer encarando seu reflexo no espelho, exclamou confiante uma verdade que sempre soube, mas agora afirmava com mais ênfase:

- Sou uma preta empoderada!



Mariana
Souza

Uma nova história para Cecília

– Trouxe chocolate e refrigerante, gente! – dizia Ester enquanto fechava a porta do meu apartamento e entrava radiante como sempre. Desviei rapidamente meu olhar do notebook para ela e sorri com aprovação. Deixei a mesa e sentei no sofá ao lado de Cecília enquanto Ester colocava as sacolas das Lojas Americanas na bancada da cozinha. Era sexta à noite e havíamos combinamos de assistir série, conversar e comer besteiras. Uma típica festa do pijama entre melhores amigas. – Meninas, vamos sair amanhã? – disse Cecília em voz baixa. Ceci havia saído de um relacionamento abusivo fazia cinco dias e estava consternada. Combinamos este encontro principalmente por causa dela. – Claro. – disse Ester sentando-se no sofá. – Para onde vocês querem ir? – Podíamos ir à praia e depois almoçar fora, conheci um restaurante que tem um peroá frito delicioso. Além disso, o ambiente é legal e o preço justo. – Eu sugeri. – Gostei, Joana. – Cecília diz olhando para mim. – Tô dentro. – Ester comenta e em seguida pergunta como Cecília está. Ceci, então, lança-nos um olhar triste, tenta segurar o choro, mas não consegue. Eu passo a minha mão com leveza sobre seu cabelo cacheado volumoso. – Eu não sei como deixei isso acontecer, ele me usou, me deixou tão ferida, me tratava tão mal, nunca dava crédito à minha opinião, como ele pôde fazer isso? – Disse Cecília. Eu observava sua pele tom avelã brilhando sob a luz de um spot acima dela e afirmava: – Amiga, não se

culpe, não foi você quem deixou isso acontecer, poderia ter acontecido com qualquer uma de nós, você já foi ingênua a ponto de pensar que ele nunca a machucaria, agora aconteceu e você está decepcionada, mas é melhor assim. Vale mais a pena alguns meses de coração partido do que passar o resto da vida infeliz ao lado daquele escroto. Ester fitou-me com surpresa, afinal eu não costumava usar expressões como “escroto”, detesto ofensas. Porém, o Anderson (ex de Cecília) causava um ódio tão grande em mim. Ele foi capaz de causar tanto sofrimento à minha melhor amiga e até a afastou de mim. Além disso, aprontou coisas das quais eu nem irei comentar para não deixar este conto pesado. Enfim, era horrível sentir tamanha raiva somada a uma dificuldade colossal de perdô-lo

- Ceci, sei que vocês namoraram durante quatro anos, é muito tempo, a gente faz planos com a pessoa, se entrega por completo, é realmente difícil se desvencilhar, mas você sabe que ele era uma pedra em seu caminho, é duro dizer isso, mas ele te fez um grande favor por ter terminado com você. - Ester disse gesticulando e movimentando o corpo, balançando, assim, suas tranças *box braids* cor de mel. - Exatamente! - eu exclamei. - Você verá, amiga, daqui para a frente tudo vai melhorar. - Verdade. - Respondeu Cecília. - Acho que poderíamos começar a ver a série né?. - OK, irei colocar. - Eu deslizei meu corpo pelo sofá peguei o controle e liguei a TV. Assistimos à primeira temporada de “*Dear White People*”. Demos altas risadas, comemos pizza e também chocolate,

curtimos muito: a série, a nossa amizade, aquele momento. O dia seguinte amanheceu, acordamos tarde demais e desistimos de ir para a praia tomar sol. Desse modo, fomos direto para o restaurante em frente à praia para almoçar. Enquanto andávamos pelo calçadão a brisa tocava nosso rosto, desfilávamos com confiança e atraímos vários olhares. Eu usava um vestido de tecido esvoaçante com estampa geométrica em azul marinho e laranja, sandália azul, meu black power bem redondo, além dos óculos de sol destacando minha pele preta retinta. Ester vestia um cropped de crochê amarelo com short jeans escuro e Cecília um conjunto de cropped e short estampado em preto e branco. – Vamos fazer snaps. – Eu disse tirando o celular da bolsa, no mesmo instante Ceci e Ester se ajeitavam para as fotos. Quando estávamos sentadas no restaurante, Ceci verificou em meu celular quem havia visualizado nossas “histórias” e em meu feed apareceu uma foto de Anderson com uma moça. Eu vi o semblante de Cecília esmorecer. Peguei o celular de volta e fiz carinho em seu braço. – O que foi? – pergunta Ester. – Ela viu uma foto do Anderson com uma outra garota. – Eu respondi. – Ah, amiga – diz Ester. – Não sofra por isso não, foi ele quem saiu perdendo, um homem que não valoriza uma mulher como você tem sérios problemas de cognição. Cecília e eu sorrimos.

– É verdade, Ceci, você é inteligente, talentosa, boa em tudo que faz, tem uma família a qual batalhou tanto para te permitir ter uma vida agradável, você é maravilhosa e merece ser feliz.

- Foi o que eu disse me esforçando para ajudar. Estava torcendo para ela se sentir melhor. Eu sempre estive ali, felizmente fui um ponto de referência fora do relacionamento abusivo, não sabia bem como lidar com a situação, entretanto ajudei ao meu modo. Estava esperançosa, meu coração sabia que tudo ficaria bem. - Obrigada, suas lindas, eu não sei como teria sido passar por tudo isso sem vocês. - Falou Cecília. Assim, desfrutamos da doce companhia umas das outras. Fortalecer, animar, consolar, dar suporte, estávamos fazendo isso e seguindo em frente.

A alegria dessa amizade se fez querida e cheia de amor.

